

mais, o papel de freio. Sublinha, enfim, os inconvenientes de uma política financeira insuficientemente preocupada com a sua retaguarda econômica.

E. S. P.

*

* *

L'histoire et l'historien. — Recherches et Débats du Centre Catholique des Intellectuels Français. Cahier n.º 47, Librairie Arthème Fayard, Paris, junho, 1964, 230 pgs.

Em encontros dirigidos por Fernand Braudel, Étienne Borne e H. Irenée Marrou, o Centro Católico de Intelectuais Franceses organizou um Colóquio em fevereiro de 1964, do qual algumas comunicações vêm de ser reunidas e cuja publicação merece registro, não apenas pelo fato de envolver nomes de proa da historiografia francesa, como também pela substantividade dos temas abordados.

A divisão geral permite a acomodação — dada a amplidão dos temas propostos — das diversas tendências da historiografia francesa contemporânea, condição essencial para o diálogo: “História em devir”, “Métodos e ideologia”, “História e cultura”, “Conhecimento e interpretação em História” e “Crônicas”. Dentro desses títulos amplos encontramos temas como “Historiadores crentes e historiadores não-crentes perante a história religiosa”, de Roger Aubert; “História social e filosofia da história”, do renomado Pierre Vilar; “A história no ensino secundário: cultura e pedagogia”, de Eugène Jarry; ou ainda, por exemplo, as vigorosamente críticas “Reflexões sobre a historiografia francesa contemporânea”, de quatro jovens da “École Normale Supérieure”, onde há uma série de observações sobre os objetivos, métodos e resultados daquela historiografia. Aliás, neste último exemplo, percebe-se que o C.C.I.F. leva à prática a idéia segundo a qual “cada geração faz sua história” e que é possível o debate, ainda que por véses rigorosamente críticos, como se dá, nas “Reflexões” acima referidas, em relação à história “neo-guelfa” de Fliche-Martin (pág. 88), ou em relação à história triunfalista de Daniel-Rops (pág. 89).

Quer-nos parecer que, do conjunto, sobressai o trabalho de Pierre Vilar, especialista em história da Espanha. Na sua comunicação, estabelece relações entre a função do historiador das sociedades e sua filosofia da história. É de se notar o paralelo: anteriormente, fora proposto a Roger Aubert (pág. 28) relacionar a fé religiosa do historiador e suas implicações na pesquisa em história das religiões.

Vilar, admitindo que um problema histórico pode comportar várias soluções, mostra que o historiador quando tenta compreender, supõe que a história tem um sentido. “Esse postulado não é “filosofia da história”. É a condição duma ciência histórica” (pág. 46). Quanto a certos setores dos pensamentos sociológico e econômico, o A. criti-

ca a visão que se tem da História, enquanto domínio do *évènementiel*, mostrando que mesmo uma sociologia e uma economia que não sejam exclusivamente teóricas irão buscar na História suas informações mais consistentes. Por outro lado, deixa claro que certas noções de fundo da ciência econômica são, elas também, da história social (pág. 48).

Um bom exemplo da liberdade e caráter das discussões é o final da comunicação de Vilar. Há aí preocupação em relacionar o *métier* do historiador com seu engajamento político; em suma, o problema é saber se a opção política do historiador interfere de alguma forma em sua pesquisa. Vilar mostrou que essa não é uma boa formulação — embora seja feita freqüentemente —, uma vez que se trata de saber em que medida o historiador é “livre” em face dos hábitos, sentimentos, formação, opções que a sociedade lhe impõe.

Assim, para êle, o individuo “menos livre seria aquêle que se acreditasse como tal, sem que essa questão lhe tenha sido colocada” (pág. 61).

Já para o historiador de formação marxista a questão se coloca diferentemente, por estabelecer ligação estreita entre sua atitude militante e uma atividade global onde seu trabalho profissional se insere. Mesmo assim, essa ligação é variável segundo as preferências pessoais e os temperamentos.

A crítica de Vilar é mais radical quando mostra que “jamais homem de ação por temperamento empreendeu o papel do historiador, naquilo que tem de paciência e meditação solitária”. Raras as exceções — entre elas a de Marx — em que se deu essa “dialética meditação — ação”, mas isso se deveu a condições excepcionais e momentâneas em suas biografias. Ao contrário, é raro o historiador erudito conciliar seu papel quotidiano com uma ação militante e isso não implica necessariamente para Vilar em renúncia aos deveres cívicos. O principal é não haver contradição entre seus atos.

É aí que o historiador marxista está bem situado: na medida em que pensa sempre “históricamente”, os avanços da humanidade constituem lições de história para si. É nessa medida que o problema da contradição fica eliminado: seu engajamento consiste em sua atitude científica, em suas lições de história.

Menos conclusiva é a comunicação assinada por Claudé Wiéner, onde discute a possibilidade de se fazer a história de Jesus. Para êle, Jesus não é objeto de história como os outros, uma vez que “esse homem fez de sua vida uma questão para todos os homens e que, dessa maneira, colocou o problema de tal modo que espera por resposta” (pág. 165). Claro está que o leitor fica às portas da solução do problema.

Entre outras comunicações apresentadas que oferecem interesse está a de François Bédarida: “O historiador e a ambição de totalidade”. Aí, mostra-se que o historiador contemporâneo já está despojado das “certezas” positivistas, pois adquiriu consciência de que sua contribuição tem caráter sempre transitório. Para o A., o historiador, lidando com a ciência do particular, deve se preocupar em atin-

gir a “conceitualização, a periodização, a definição” (pág. 182), porém avançando” continuamente em duas frentes, procurando difícil equilíbrio, sempre precário, freqüentemente posto em dúvida, entre orientação pessoal e catarsis crítica” (págs. 185-6). Obviamente, êsse comportamento faz com que o historiador passe do histórico a “postulados transhistóricos”, da pesquisa documental à reflexão, da análise à síntese.

Em conjunto, é êste n.º 47 dos “Cahiers” uma prova nítida e atual de que certos preconceitos epistemológicos podem e devem ser superados: católicos e marxistas debatem enriquecendo suas próprias posições e, no final de contas, os estudos de história.

CARLOS GUILHERME SANTOS SERÔA DA MOTA

*

* *

VIANA (Mário Gonçalves). — **Lisboa e Pôrto. Duas Áreas Socio-Econômico-Culturais em Distonia. Ensaio de psicossociologia comparada.** Boletim da Junta Distrital de Lisboa, LXI e LXII, II Série, 1964, 75 págs.

O ensaio escrito por Mário Gonçalves Viana é de leitura agradável e interessante. O autor busca na mesologia, na etnografia, na psicologia e na história fundamentos que justifiquem as diferenças que êle destaca entre as duas maiores cidades de Portugal. Em seguida, procura mostrar como a influência daqueles elementos diferenciadores se faz sentir em dois aspectos particulares: a casa e a mulher, das duas cidades estudadas.

Tendo por base as condições mesológicas diferentes do Tejo e do Douro, com climas e micro-climas perfeitamente distintos, procura explicar algumas diferenças que observa entre o homem portuense e o lisboeta, entre o *modus vivendi* de uma e de outra cidade, traçando um paralelo literariamente interessante entre as duas cidades. No entanto, seria desejável uma melhor fundamentação científica das afirmações feitas, as quais se fixam no plano das observações pessoais que procura confirmar apresentando freqüentemente textos de literatos do passado e do presente e mais raramente, alguma bibliografia de cunho mais científico, porém datando do século passado ou comêço dêste. Aliás, esta precariedade de uma bibliografia científica condizente com os tópicos abordados é uma deficiência comum em todo o trabalho.

O autor busca a etnografia para justificar as idéias comuns, na literatura e no povo, de que Lisboa é uma cidade amorosa, propícia à diversão e à ociosidade e de que o Pôrto é uma cidade honrada, fiel ao cumprimento dos contratos, dos amores sérios e honestos. Porém se a apresentação que faz é interessante, tem por substrato apenas textos da literatura.

Em seguida, é na história que o autor busca os elementos explicativos das diferenças entre Lisboa e Pôrto, lembrando ser a Capital